

## **ONDE CANTAM AS SERIEMAS, DE OTÁVIO GONÇALVES GOMES: PRESENÇA DO REGIONALISMO NO MEMORIALISMO SUL-MATO-GROSSENSE**

Prof. Dr. Paulo Bungart Neto<sup>1</sup> (UFGD)

### **Resumo:**

*Memorialismo e regionalismo mesclam-se quando as lembranças de um escritor recuperam cenas de infâncias vividas em fazendas ou pequenas cidades. Assim ocorreu com Graciliano Ramos em Infância (recordações sobre Alagoas escritas no Rio de Janeiro) e com o sul-mato-grossense Otávio Gonçalves Gomes em Onde cantam as seriemas (registro, escrito em Campo Grande, acerca de Ribas do Rio Pardo, cidadezinha do MS a 100 quilômetros da capital do estado). À margem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Ribas do Rio Pardo ressurgiu da memória de Gomes com suas pontes, rios e ruas. Praticamente desconhecida, esta obra também evoca as frutas e a fauna da região. Esta comunicação visa a demonstrar que a obra de Otávio Gomes recupera uma vertente essencial do gênero memorialístico ao confirmar, no dizer de José Couto Vieira Pontes, a presença do “regionalismo nas reminiscências” do escritor.*

**Palavras-chave:** memorialismo, regionalismo, cor local, literatura sul-mato-grossense.

### **Introdução**

Grandes memorialistas brasileiros escreveram suas memórias vivendo e trabalhando em centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Campo Grande. No entanto, muitos desses escritores optaram pelas capitais a partir da juventude ou mesmo da fase adulta, tendo passado a infância, período destacado nas obras memorialísticas, em fazendas, sítios e zonas rurais de cidades do interior.

Há então uma espécie de contraponto entre a realidade, por vezes áspera e cruel, da “selva de pedra” onde viveram e produziram suas memórias, e o ambiente de “sonho” que os remete ao “paraíso perdido” da infância vivida no campo ou na cidade pequena. Se os textos memorialísticos se caracterizam pela evocação da infância ou adolescência a partir de uma grande distância no tempo, então podemos classificar de “memorialismo regionalista” aquelas obras que, não somente recuperam um tempo perdido no passado, mas o fazem resgatando também espaços relacionados a certos ambientes rurais que, no momento da escritura, podem até nem existir mais, porém (e é isso o que mais importa para o gênero memorialístico) perpetuam-se e eternizam-se através das recordações e da imaginação do memorialista.

Os exemplos desse procedimento são inúmeros. Citemos alguns: a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, pacata no início do século XX, é evocada por Murilo Mendes, de Roma, em *A idade do serrote* (1968), e por Pedro Nava, do Rio de Janeiro, em *Bau de ossos* (1972). O primeiro relembra o “jardim-pomar da casa paterna”, o “sabor das frutas”, o “arco-íris no morro do Imperador” e a famosa Rua Halfeld (1968, p. 5-6; e 137-144). Já Pedro Nava sublinha, além da mesma Rua Halfeld, o Alto dos Passos, o Largo do Riachuelo e as duas direções tomadas a partir da Rua Direita – o “rumo do mato dentro” e a “direção do oceano afora” (1984, 7 ed, p. 19-20), dentre outras localidades juiz-foranas.

Nordestinos e gaúchos também procederam dessa forma, imortalizando vilarejos, sítios e pequenas cidades “perdidas no mapa”. Gilberto Amado, em *História da minha infância* (1954),

---

<sup>1</sup> Paulo BUNGART NETO, Prof. Dr. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Email: paulobungart@viacabo.com.br.

evoca a vida em pequenos municípios como Estância, em Sergipe, local de nascimento, e Itaporanga, na Paraíba, impressões ternas e singelas, escritas em Paris (1952) e no Rio de Janeiro (1953), da infância de um homem que viria a se tornar uma grande figura pública brasileira, tendo sido jornalista, deputado federal, senador, embaixador em países como Chile, Finlândia e Itália e delegado do Brasil na ONU.

Em *Infância*, Graciliano Ramos expurga alguns demônios da infância em Quebrângulo, Alagoas, infância traumática e atormentada pelos maus-tratos e agressões que o pai lhe impunha durante o processo de sua alfabetização, feita a duras penas, devido à miséria do local e à estupidez do pai. No capítulo “Leitura”, a confissão seca:

Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou – e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas – e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos. (RAMOS, 1995, p. 96-7)<sup>2</sup>

Estabelecido no Rio de Janeiro desde 1937, quando sai da prisão da Ilha Grande (sobre o fato, ver outro importantíssimo relato memorialístico de Graciliano Ramos, o surpreendente e iconoclasta *Memórias do cárcere*), o romancista alagoano redige as penosas memórias contidas em *Infância* em 1945, ano do fim da segunda guerra mundial e do Estado Novo de Getúlio Vargas. Nesta obra pungente, Graciliano recorda “um vaso de louça vidrada” (1995, p. 07), um chicote com o qual o pai o agrediu por causa do sumiço de um cinturão (1995, p. 29-32) e a temível “carta de A B C” (1995, p. 104), na qual aprendeu a ler com dificuldade e sofrimento, dentre outras lembranças tristes e amargas. José Lins do Rego também se serviu do memorialismo para confessar suas primeiras reminiscências da infância – em *Meus verdes anos*, Rego rememora as aventuras (e também suas desventuras, decorrentes de sua compleição asmática) vividas no engenho de cana de seu avô, no interior da Paraíba. Segundo o próprio memorialista, nesta obra ele preferiu não recorrer “às imagens poéticas para cobrir uma realidade, às vezes brutal”, e sim fazer uma obra “com a matéria retida pela engrenagem que a natureza” lhe forneceu (1980, p. 08), e que justificaria até supostos lapsos:

Pode ser que me escape a legitimidade de um nome ou de uma data. Mas me ficou a realidade do acontecido como o grão na terra. A sorte está em que a semente não apodreça na cova e que o fato não tenha o pobre brilho do fogo-fátuo.

Antes desta “leva” de textos confessionais produzidos por alguns dos grandes modernistas nordestinos, o maranhense Humberto de Campos já havia fixado, em suas memórias, os inconvenientes de se nascer em cidade pequena, desconhecida e ignorada, praticamente à margem da história. Em capítulo intitulado “Miritiba”, nome do município onde nasceu, Humberto confessa sem meias palavras:

Faltam-me elementos históricos e geográficos para escrever sobre a pequena vila em que nasci. Sei, apenas, que foi uma antiga aldeia de índios, mas ignoro a data e, mesmo, o século em que a Civilização começou a penetrá-la. (CAMPOS, *Memórias*, 1958, p. 41)

Os gaúchos Erico Veríssimo e Augusto Meyer também registraram em suas memórias a vida pacata do interior do Rio Grande do Sul – Veríssimo, no primeiro volume de *Solo de clarineta* (1976), conta sua infância em Cruz Alta, pequeno município localizado na região central do estado, próximo a Santa Maria. Nesse volume, o romancista de *O tempo e o vento* relembra, dentre outros fatos marcantes, sua ameixeira-do-japão, “árvore que até hoje continua dentro de mim como um marco do tempo da infância” (1976, v. 1, p. 55), os primeiros filmes reproduzidos nos cinemas

---

<sup>2</sup> O côvado é uma palmatória de aproximadamente 0,66 m.

mudos de Cruz Alta e, principalmente, a Farmácia Brasileira, do pai Sebastião Veríssimo, onde o escritor trabalhou antes de optar pela mudança para Porto Alegre e, conseqüentemente, pela vida de escritor e profissional do mercado editorial.

Já o poeta e crítico Augusto Meyer rememora, em *Segredos da infância* (1949), o breve e sugestivo período que passou em Cerro d'Árvore, município de Encruzilhada, na região da campanha gaúcha. Mesmo anos depois, já de volta a Porto Alegre, o escritor se lembra perfeitamente do lugarejo ao evocar a força do minuano, o vento cortante que assola o interior do Rio Grande do Sul nos meses de inverno. Notemos que a força do vento é capaz de lhe restituir, involuntariamente, como a *madeleine* proustiana, toda uma imagem espacial anteriormente imersa no inconsciente, pois o minuano

(...) Era uma voz tão grave, que metia medo. Mais tarde, senti a mesma impressão ao atravessar os campos da fronteira. Como a um toque mágico, restabeleceu-se a cadeia entre o homem e a criança. Arquipélagos submersos de recordações vieram à tona. (MEYER, 1949, p. 12)

Os imensos campos planos do interior gaúcho sugeriram a Meyer a noção de que o “mundo era imenso”, sobretudo aos olhos do menino recém-chegado da cidade grande, que, ao compará-lo ao seus referenciais infantis, logo concluía que o mundo

(...) Começava muito além daqueles cerros quase apagados no horizonte e vinha dar na sombra da casa, onde o peão Felisberto construía para meu uso uma casinha de brinquedo, encostada à outra, com janelas, portas, telhados de barro e um forno. (MEYER, 1949, p. 14)

Procedendo de modo semelhante ao dos grandes escritores supracitados, como veremos no item seguinte, Otávio Gonçalves Gomes, ao recriar, em *Onde cantam as seriemas*, o ambiente vivido em Ribas do Rio Pardo, realiza o que José Couto Vieira Pontes chama de “regionalismo nas reminiscências”.

## **1. O regionalismo de *Onde cantam as seriemas***

*Onde cantam as seriemas* é a obra memorialística do engenheiro agrônomo e poeta Otávio Gonçalves Gomes, nascido em Coxim, no norte do Mato Grosso do Sul, e criado em Ribas do Rio Pardo, pequena cidade localizada à margem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e que servia, portanto, de ligação entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Vários capítulos da obra mencionam a estação, o maquinário, os trens que por lá passavam em direção a Campo Grande, bem como os personagens mais típicos que a freqüentavam.

A maioria dos capítulos versa sobre as pessoas que conhecera na infância/adolescência, transformadas em “personagens” de sua evocação terna e sensível. Assim, lemos a respeito do circunspecto e misterioso Professor Pimenta, de sua escolinha e de seu “fordeco”, o primeiro carro a percorrer as ruas de Ribas do Rio Pardo; de seu Olivério, agente da EFNB e instrutor dos escoteiros, grupo do qual Gomes fez parte durante certo tempo de sua infância; do pai Domingos Gonçalves Gomes, “homem bom e de coração aberto” (1975, p. 75), cujo maior orgulho foi ter conseguido formar em curso superior todos os filhos, ele que cursara apenas o primário (“Um homem às direitas”, 1975, p. 75-79); da mãe, mulher bonita, bem vestida e grande cozinheira, enérgica e nervosa, “dona de casa na verdadeira acepção da palavra” (“Minha mãe”, 1975, p. 81-82); da madrinha Delminda, do velho Cleves e de diversos outros, como Geraldo, companheiro de infância de Otávio e que serviu na Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, durante a segunda guerra mundial (ver “Um herói da FEB que não fala em guerra”, 1975, p. 151-155), e Rui, menino extremamente peralta e endiabrado, que matava animais por puro sadismo e pegava dinheiro dos pais, mesmo com o cofre trancado a cadeado. Em sua juventude, entrou para o serviço militar com o

desejo de tornar-se aviador, mas, como era epilético, foi desligado da Escola de Aeronáutica, fato que não o impediu de ser convocado pelo Exército e de ter servido na FEB. Foi para a segunda guerra mundial e retornou ao Brasil. Sem conseguir, a seu ver, ser “nada na vida”, recusou-se a voltar ao Mato Grosso e se matou em Belo Horizonte<sup>3</sup>.

Pelo lirismo e pela profundidade dos temas abordados e das cenas evocadas, *Onde cantam as seriemas* é, sem dúvida, um dos pontos altos do memorialismo sul-mato-grossense, característica apontada por Câmara Cascudo no Prefácio à obra de Otávio Gonçalves Gomes. Diz o eminente folclorista brasileiro:

Otávio Gonçalves Gomes reuniu as figuras e episódios que o canto das seriemas evocara no espaço e tempo das lembranças indeformáveis (...). É um documentário que a História valoriza porque fixou pormenores na limitação geográfica dos acontecimentos, permanentemente esquecidos pelo historiador mecânico dos sucessos convencionais. O canto das Seriemas sobrevive à cronologia das lutas políticas e das sucessões administrativas, moldura imóvel das exposições oficiais, ressuscitando ‘casos’ que foram emoções coletivas. São ‘instantâneos’ reais e não retratos da galeria protocolar e semelhante às galerias de todos os recantos da amada terra do Brasil. (1975, p. 13-14)

Tais “pormenores” fixados “na limitação geográfica dos acontecimentos” fazem de *Onde cantam as seriemas* uma obra não apenas de reminiscências, mas, de certa forma, também “regionalista”, uma vez que os personagens se movem em um ambiente que engloba, além da pequena cidade sul-mato-grossense, seus arredores e a natureza majestosa, composta por grandes rios e por fauna e flora diversificadas e ricas. O tom regionalista já está presente no capítulo inaugural da obra, intitulado “As seriemas”, que justifica o título do volume. Nele Otávio Gonçalves Gomes homenageia a ave “desajeitada” que, voando “mal”, é muitas vezes atropelada à beira das estradas que tenta atravessar. Típica do cerrado e da região Centro-Oeste, a seriema, mesmo “desajeitada”, é considerada pelo memorialista uma “ave benéfica, elegante e cantadeira” (1975, p. 25). Além disso,

As seriemas vivem cantando, andam bradando seu clangoroso chamamento, sibilante e penetrante às vezes, tal qual um clarim. Seu canto é plangente e evocativo, ecoa triste pelas campinas. (...) Ouve-se o seu grito-canto a qualquer hora, desde alta madrugada até à noite. É justamente o som altissonante que chama a atenção dos viajores. É capaz de cantar horas a fio. (GOMES, 1975, p. 24)

Gomes se refere também à etimologia do termo (“*Seri* mais *ema* quer dizer: ema com crista”, 1975, p. 23) e ao nome científico da ave, não sem descrever algumas de suas principais características:

É uma ave veloz, quando fugindo à perseguição do inimigo. A coloração das pernas e do bico é vermelha e as penas são pardacentas. Tem o pescoço comprido e um topete filiforme na cabeça, daí o nome científico *Cariama Cristata*. (GOMES, 1975, p. 23)

Representando a fauna do estado e da região, na obra de Otávio Gonçalves Gomes a seriema simboliza também o animal gracioso, embora “desajeitado”, e de andar sutil, que “desfila” pelo cerrado do Centro-Oeste como uma dama sensual e provocativa: “O andar da seriema é hirtio; quando caminha parece uma donzela elegante, de salto alto, desfilando na passarela arenosa das estradas” (GOMES, 1975, p. 23). Tendo sido engenheiro agrônomo e profundo conhecedor de campos e cerrados, Otávio Gomes não se restringe ao ofício de memorialista e registra, nesse capítulo, não somente as características e costumes da ave, mas, como se fosse um biólogo, refere até mesmo sua forma de reprodução e o tipo de alimentação que a distingue. Segundo Gomes, a

<sup>3</sup> Ao amigo Rui, Otávio Gonçalves Gomes reserva nada menos que três capítulos de suas memórias, a saber: “O Rui” (1975, p. 171-177); “Rui na escola de aeronáutica” (1975, p. 179-181); e “Rui, herói de guerra” (1975, p. 183-184).

seriema “alimenta-se de insetos, lagartos, minhocas, pequenos animais, frutas e serpentes” (1975, p. 23). O costume de se alimentar de cobras altera o equilíbrio do ecossistema da região, pois os fazendeiros utilizam a seriema no combate à incidência de cobras, proibindo a caça à ave em suas propriedades. Quanto à reprodução, o escritor afirma que as seriemas põem, em geral, dois ovos de cor acinzentada e que o “macho se reveza com a fêmea na época do choco” (1975, p. 24). Após uma verdadeira “aula” sobre seus hábitos, Otávio Gonçalves Gomes encerra o capítulo citando um trecho de uma modinha caipira a respeito da ave pernalt, demonstrando, já na década de 1970, a consciência de que um fenômeno cultural pode e deve ser compreendido de maneira macrocômica, considerando-se simultaneamente etimologia, costumes e a suposta literatura popular produzida sobre o assunto. Diz a quadra que encerra o texto: “Seriema de Mato Grosso / Seu canto triste me faz lembrar / Daqueles tempos que eu viajava / Tenho saudade do seu cantar” (1975, p. 25)

Outra ave destacada no livro de Gonçalves Gomes é o sabiá, pássaro de “gorjeio melodioso, compassado e repousante, que fere diretamente a sensibilidade de quem o escuta” (GOMES, “O sabiá”, 1975, p. 33). Para o memorialista, o sabiá “existe por toda parte” no estado do Mato Grosso do Sul e, geralmente, é uma ave acinzentada que possui, às vezes, o peito cor de laranja (e que por isso é chamada de “sabiá laranjeira”). Aparentemente o sabiá não possui a mesma importância da seriema, que nomeia e abre a obra, servindo como metáfora do espaço descrito. Este aspecto “secundário” do sabiá em *Onde cantam as seriemas*, porém, é, como sugeri, apenas “aparente”, pois no final do capítulo a seu respeito descobrimos o quanto o pássaro cinza simboliza e acompanha a infância do escritor, despertando um tal encantamento pela natureza que acompanharia sua vida inteira, provocando-lhe “arreprios de exaltação e êxtase”:

Foi sobre o influxo do canto do sabiá, nas tardes calmosas, onde vivi minha meninice, quando, deitado numa rede balançante, à sombra das laranjeiras atapetadas de flores caídas pelo chão, foi ouvido o murmúrio das águas chorosas de uma bica de aroeira lavrada, que senti os primeiros arroubos: arrepios de exaltação e êxtase. (...) Era o desejo irresistível de gravar, de descrever o que é belo, de fixar permanentemente aqueles momentos felizes em que a gente entra em comunicação com Deus. Era o encantamento da natureza que me havia de acompanhar por toda a vida: Eterno enamorado da natureza – belezas naturais da minha terra. (...) Era o poeta que não escrevia versos, mas sentia a música do estro vibrando dentro de si. O criador de todas as coisas fala aos seus eleitos pela voz do sabiá e outras aves canoras. (...) É justamente por isso que S. Francisco falava aos passarinhos. (GOMES, 1975, p. 34)

Aspectos regionais não se limitam, em *Onde cantam as seriemas*, à fauna do Mato Grosso do Sul – a guavira, fruta típica da região, o rio que banha a cidade e até os hábitos de vida do campeiro são destacados em capítulos específicos. Em “As guaviras” (1975, p. 109-112), Otávio Gonçalves Gomes se refere à fruta silvestre, amarelada, de gosto ácido, “com o formato de uma goiaba, mas do tamanho de uma azeitona” (1975, p. 109), muito comum no estado do Mato Grosso do Sul. Vejamos um trecho do capítulo, que ilustra a importância da fruta para seus habitantes:

A casca é lisa e tem um sumo picante. O seu conteúdo é constituído de sementes envoltas em uma substância gelatinosa, doce e muito saborosa. Sua cor é amarelo-esverdeada, ou amarelada simplesmente, quando madura. Uma delícia de frutinha. (...) Quando vai chegando o mês de setembro com as primeiras chuvas de trovoadas, aparecem as florinhas brancas que cobrem os guavirais. (...) É uma beleza de ver um guaviral coberto de flores, nos descampados, à beira dos caminhos. Quebrado um galho do pé de guavira em floração, tem-se um lindo ramalhete de pequenas flores brancas e cheirosas. (GOMES, 1975, p. 109)

No capítulo “O rio Botas”, Otávio Gomes esclarece que não é o rio Pardo (afluente do Paraná) “o manancial que banha a vila do mesmo nome, mas sim o rio Botas, também caudaloso e que mede aproximadamente 80 metros de largura” (1975, p. 35). Afluente do rio Pardo, as águas do Botas são

“turvas e correm tranqüilas em curvas amplas. Seu percurso é todo em planície. Passa a um quilômetro do centro da vila”. Além disso, o rio, usado para pescarias e banhos, atrai o interesse do povoado, que o utiliza como um das principais formas de lazer em uma cidade carente de boas opções de entretenimento:

No local da antiga balsa era o ponto pitoresco, onde se banhava a molecada e toda a população masculina enfim. Era ali que se aprendia a nadar. Às suas margens se faziam as caçadas de passarinhos e as pescarias de lambaris e das piracanjubas. (GOMES, 1975, p. 35)

No capítulo seguinte, “A ponte do rio Botas”, Gomes relata os obstáculos enfrentados durante a construção da ponte sobre o rio, não somente pela dificuldade de se obter verbas públicas para a sua viabilização<sup>4</sup>, mas também pelo transtorno causado no corte e no transporte da aroeira, madeira grande e pesada, utilizada como viga de sustentação da ponte:

As toras de aroeiras, imensas, pesadas, apenas erguidas e apoiadas por uma de suas extremidades no carretão, eram arrastadas até o local da construção da ponte. Uma verdadeira batalha, tirar uma tora do seio da mata e dar com ela no lugar da ponte. (GOMES, 1975, p. 41)

Tal “batalha”, que chegava a durar um dia inteiro, cedo despertou no autor justificáveis preocupações ecológicas. Acompanhemos a descrição do complexo processo de corte da árvore:

A derrubada de uma árvore, na floresta, é sempre um trabalho perigoso. O machadeiro tem de estudar o ‘tombo’ da madeira, tem de observar a copa da árvore e o vento, e ver para que lado ela está propensa a cair. Tem de dar o talho de um lado e do outro da árvore, de maneira que o corte coincida opostamente com o outro. O entalhe do lado para o qual deve cair a árvore, fica um pouco mais baixo do outro corte. Deve permanecer um cabresto que impeça a árvore de cair para o lado menos indicado, ocasionando transtornos e desastres. O machado bate compassado. O machadeiro cospe nas mãos grossas, para amaciar a pele calejada, e deslizar melhor no cabo do machado. (GOMES, 1975, p. 42)

Vemos que a descrição de aspectos regionais ligados à fauna, flora e natureza da região aparece alternadamente à descrição dos parentes e personalidades características do lugarejo. Estes dois temas principais do memorialismo de Otávio Gonçalves Gomes convergem no capítulo “Vida de campeiro” (1975, p. 113-117), no qual o escritor expõe detalhadamente os costumes e o modo de vida deste personagem típico dos cerrados. Os parágrafos iniciais do texto sua figura já surge fidedignamente retratada:

É madrugada, muito antes de amanhecer o dia no sertão, o carreiro acorda. Olha a lua, as estrelas, e vê o céu que está limpo. Observa os prenúncios de claridade para os lados do nascente. Vê a altura da estrela dalva, ouve o pipilar de alguma ave madrugadeira e sabe que está na hora de desarmar a rede. (...) O carreiro em viagem prefere as moradas com mangueiros para recolher os bois à noite; mas nos sertões desabitados, qualquer cabeceira com um varjão, qualquer várzea no pontal de um córrego com um rio, alguma ponta de cabeceira no brejo, uma cerca embicando numa pindaíba – tudo serve para recantar os bois de carro. (GOMES, 1975, p. 113)

E a narrativa sobre a vida de viajante do carreiro segue, incluindo aí a descrição de suas refeições, à base de carne seca e arroz, de suas montarias, do cuidado com a tropa e de sua parca necessidade de dinheiro. No final do capítulo, o memorialista conclui pelo óbvio, resumindo a vida simples do campeiro, pioneiro do desenvolvimento da região:

---

<sup>4</sup> “Seria inútil pedir ajuda ao governo, que estava muito longe. As autoridades só se lembravam de Rio Pardo, quando o trem atrasava. Então era preciso preparar a refeição. (...) Não havia restaurante no trem; aí se lembravam de telegrafar aos Fontoura. Eles de fato atendiam e sabiam recepcionar as autoridades”. (GOMES, 1975, p. 40)

São essas as preocupações do carreiro. Ele é feliz na sua calma e singeleza. Essa é a vida do carreiro, o construtor das antigas estradas com roda de carro e o casco de boi. Os pioneiros que trouxeram o progresso e a civilização que gozamos agora. (GOMES, 1975, p. 117)

Como vimos, a preocupação em descrever a natureza, as aves, as frutas e os habitantes típicos da região do cerrado sul-mato-grossense permite que reconheçamos *Onde cantam as seriemas* não somente como um importante testemunho sobre a época de formação do estado, e por isso sua classificação como pertencente ao gênero memorialístico, mas também como um essencial registro da cultura e dos hábitos locais, inclusive lingüísticos, o que também nos autoriza a considerá-la eminentemente “regionalista”.

### **Conclusão**

Se a ficção regionalista é um dos gêneros mais difundidos no modernismo brasileiro, contando com representantes, dentre outros, como Rachel de Queiróz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Franklin Távora no Nordeste, Simões Lopes Neto no Rio Grande do Sul e Hélio Serejo no Mato Grosso do Sul, o memorialismo de cunho regionalista é, de certa maneira, uma boa novidade no cenário de nossas letras.

O simples fato de o memorialista ter vivido no campo, zona rural ou cidade pequena não basta para caracterizar como “regionalista” as reminiscências veiculadas nessas obras memorialísticas. Muitos dos exemplos mencionados na **Introdução** não possuem nada de regional, embora se refiram a infâncias passadas em alguma cidade do interior ou mesmo rancho, sítio ou fazenda. A *idade do serrote*, de Murilo Mendes, *Baú de ossos*, de Pedro Nava e *Solo de clarineta*, de Erico Veríssimo, possuem pouquíssimos elementos que permitisse considerá-los “regionalistas” ou mesmo “regionais”. As lembranças incluem cenas vividas, respectivamente, em Juiz de Fora e em Cruz Alta, remetendo a épocas em que tais cidades mais se assemelhavam a vilas, porém o tom do discurso, a ambientação dos personagens e os tipos de estabelecimento descritos (cinemas, bares, lojas, farmácias, etc) são essencialmente urbanos.

Já obras como *Infância*, de Graciliano Ramos, *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego, *Segredos da infância*, de Augusto Meyer e *Onde cantam as seriemas*, de Otávio Gonçalves Gomes, aceitariam de bom grado o rótulo de “regionalistas” uma vez que, além de se referirem a episódios ocorridos em meio rural e de forte apelo “regional”, as recordações nelas incluídas “ressuscitam” fazeres e falares regionalmente “marcados”, típicos de determinada região brasileira, em determinada época. O “vaso de louça vidrada” evocado por Graciliano, os engenhos de cana de açúcar do avô de José Lins do Rego, o rancho da campanha gaúcha onde Meyer viveu, as guaviras, seriemas e sabiás rememorados por Otávio Gonçalves Gomes são indícios da fixação regionalista de memórias constituídas com base no modo de vida do interior brasileiro, com suas ricas sugestões de hábitos rústicos em cenários naturais, aí incluídos costumes relacionados a vestuário, alimentação, brincadeiras infantis e atividades sócio-econômicas.

É lícito, portanto, dividir tais registros autobiográficos em “urbanos” e “regionais”, dependendo das características e do modo de vida evocados ao longo de capítulos saudosistas e confessionais. *Onde cantam as seriemas* apresenta nítidas marcas regionalistas, relacionadas, como vimos, à natureza e à fauna da região de Ribas do Rio Pardo, o que a qualifica como uma obra pioneira do “regionalismo nas reminiscências” sul-mato-grossenses, realizada por um autor que, nas palavras de José Couto Vieira Pontes citadas na orelha do volume, “escreve como quem morre de amor pela sua terra”.

**Referências Bibliográficas:**

- [1] AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.
- [2] CAMPOS, Humberto de. *Memórias (1886-1900)*. Rio de Janeiro: W.M.Jackson Inc. Editores, 1958.
- [3] GOMES, Otávio Gonçalves. *Onde cantam as seriemas*. São Paulo: Vaner Bicego Editora, 1975.
- [4] MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.
- [5] MEYER, Augusto. *Segredos da infância*. Porto Alegre: Editora Globo, 1949.
- [6] NAVA, Pedro. *Baú de ossos/Memórias I*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- [7] PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1981.
- [8] RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.
- [9] REGO, José Lins do. *Meus verdes anos (memórias)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.
- [10] VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. 7 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976, v. 1.